

## **Sussurros ao falar a morte: a significação da morte na senescência**

*Whisper when speaking of death: the significance of  
death in senescence*

Alba Sandra Alencar da Silva

**RESUMO:** A presente pesquisa visa a promover o diálogo entre o pensar a morte e a compreensão da finitude humana, não em caráter pessimista, mas com o anseio de propor uma senescência bem sucedida. A partir do entendimento dos significados atribuídos à sua perecibilidade, o homem, em sua condição universal e singular, busca uma existência autêntica. Mesmo quando a pessoa cultiva valores espirituais, conceitos tais como a imortalidade da alma, não afastam o medo da morte.

**Palavras-chave:** Morte; Senescência; Transcendência.

**ABSTRACT:** *The present research aims to promote the dialogue between the thought of death and the acceptance of human finitude, not in a pessimistic way, but yearning a positive view of aging and senescence. The human being, globally and individually, seeks an authentic existence through his/her understanding of the significations attributed to his/her perishability. Even when a person cultivates spiritual values, concepts such as the immortality of the soul paradoxically does not exclude the fear from death.*

**Keywords:** *Death; Senescence; Transcendence.*

## Introdução

Vivemos a dualidade<sup>1</sup> entre a vida e a morte, ocupando-nos em não pensar, falar e aceitar a finitude, a complexidade e a incompletude de existirmos em um mundo de natureza mortal.

Nesse intuito, pretendemos responder às seguintes questões: quais são aqueles que vivem a expectativa da eternidade ou a certeza da finitude em um possível estado de ataraxia? Como vivenciamos a angústia do nada, o que não é sabido, sobre uma vida posterior? Será que o grande sentido da vida é preparar-se para a morte? Como conseguir aceitar voluntariamente o quanto é fugaz a transitoriedade dos viventes?

Para tanto foi utilizada, como referencial teórico, a abordagem Fenomenológica e Existencialista, na tentativa de perceber o fenômeno, seus significados e revelar a compreensão da mortalidade construída durante a trajetória de vida. A finitude é um evento inerente ao ser humano; sendo assim, a compreensão desse fenômeno poderá colaborar, no período da senescência, para ressignificar a história do ser e possibilitar revisar o que foi conceituado sobre a morte e o que se entende sobre ela.

A morte é definida como “sua relação com a natureza, razão pela qual indica a cessação definitiva dos processos vitais de um organismo” (Pieri, 2002). Segundo Jaspers e Heidegger, “a morte é a situação limite por excelência: aquela por meio da qual o homem se liga à sua finitude” e também “a morte é a possibilidade mais própria da existência humana, enquanto constitui o ser-no-mundo”. Já para Merleau-Ponty, “a morte designa a *contingência* de todo o vivente” (Pieri, 2002).

Desde a Antiguidade, veladamente ou não, as culturas e tradições influenciaram a representação pessoal que se apreendia da morte. Sendo ela multifacetada, evocava-se algo abstrato para pessoalizar, através de simbolismos, suas diversas faces (Ottoni, 2005).

Historicamente, desde a Idade Média, a distância entre a morte e o homem passou a ser compreendida como o destino de todos (Ariès, 2003). Os rituais e as devidas homenagens a quem fosse partir consignavam a inerência entre a vida e a morte.

O homem existe em um mundo existente *a priori*; no entanto em sua singularidade o homem é um projeto a ser realizado. Para Sartre (1987), o homem nasce do “nada” e, a

---

<sup>1</sup> Dicionário Houaiss: Padrão recorrente de pensamento desde os primórdios da filosofia, que busca compreender a realidade e a condição humana dividindo-as em dois princípios básicos, antagônicos e dessemelhantes.

partir do desenvolvimento da sua consciência e subjetividade, torna-se um projeto de si mesmo. Na construção de seu projeto pessoal desenvolve seu livre arbítrio e, por conseguinte, assume a responsabilidade de suas escolhas. A finitude é uma condição preestabelecida pelo mundo, porém as escolhas lançadas no mundo-humano são única e exclusivamente pessoais. Somos colocados originalmente a existir e sem compreender somos submetidos a um processo que nos levará a um destino, à finitude.

Para Araújo (2007), estamos sujeitos a uma lei: a finitude é determinada misteriosamente e veladamente tomamos conhecimento dela. Abstraímos uma realidade que tentamos significar, que é a mortalidade, porém o máximo que conseguimos é evidenciar seu velamento.

Circunscrevendo o fenômeno da mortalidade sob a perspectiva fenomenológica e a análise existencialista sobre a construção e desconstrução, a possibilidade e a impossibilidade, percebemos que a morte é um fenômeno crucial na perspectiva de Heidegger. Para esse teórico, o ser é toda a presença concreta e real de tudo que se mostra dentro do mundo, mas que traz consigo o caráter permanente de transcendência e universalidade.

Tais características heideggerianas são descritas por meio de três conceitos fundamentais: existência, morte e antecipação, que são permeados pela temporalidade e a constatação do nada (Pisseta, 2006). A existência constitui-se em algo a se fazer e não pelo já feito e acabado (Pisseta, 2008). Ela é compreendida como manifestação, “um diálogo constante entre atos e palavras que se autogera”, ou seja, agindo e falando organiza-se um construto de relações sociais (Pisseta, 2009). Isso, muitas vezes, remete ao homem um sentimento de estranheza: somos colocados diante do viver e, à nossa revelia e despreparados, somos submetidos ao confronto com a nossa finitude.

Quanto à morte e sua antecipação, outros conceitos são necessários para explorar o significado delas na existência do ser humano: a angústia e o nada<sup>2</sup>, assim como a dessemelhança do nada e a negação. Constatamos a interdependência entre esses conceitos, o que incita a consciência para o ser-aí, em um mundo a realizar-se. A angústia humana ajuda a tornar consciente o processo irreversível do envelhecer e morrer. A inquietação, fruto desse confronto, leva-nos à busca de sentidos, como se percebe em Heidegger (1929): “Tão finitos somos nós que precisamente não somos capazes de nos colocarmos

---

<sup>2</sup> Angústia - em Kierkegaard (1813-1855), sentimento de ameaça impreciso e indeterminado inerente à condição humana, pelo fato que o homem, ao projetar incessantemente o futuro, se defronta com possibilidade de fracasso, de sofrimento e, no limite, de morte. Nada - no *existencialismo*, fundamento da condição humana, revelado como angústia diante da morte, da liberdade absoluta e da distância em relação ao ser, inanidade, insignificância.

originalmente diante do nada por decisão e vontade próprias”. É interessante observar que a relação com o significado do morrer e ser finito para muitos, por exemplo, é marcado pela atribuição do sofrimento físico à morte e da separação daqueles que constituem nossa rede afetiva.

O final de uma existência é um fenômeno carregado de significados e todas as questões pessoais devem ser consideradas diante do pensar na antecipação da morte. Sua capacidade antecipatória desvela-se como uma possibilidade de compreensão prévia desse modo de ser-para-morte (Pisseta, 2006). A capacidade antecipatória decorrente da possibilidade insuperável da morte como experiência é convocar o ser para si. Essa certeza situa o ser humano diante de sua própria angústia, que seria a angústia da angústia (Pisseta, 2008).

O ser-para-morte sustenta a compreensão dessa capacidade antecipatória do indivíduo, decorrente da impossibilidade de superação do único fenômeno inevitável e factual da vida. Surge a ideia da negação e fuga da morte que, de alguma forma, pode encobrir nossa angústia. Somos então capazes de pensar sobre a nossa morte e a dos outros e fazer uma escolha, de torná-la invisível ou visível aos nossos olhos (Pisseta, 2009). A natureza é uma evidência desse fenômeno, assim como o passar do tempo e suas marcas biológicas, porém vários efeitos de estranhamento assolam a vivência do idoso durante seu percurso de vida (Hohendorff & Melo, 2009).

O homem, enquanto ente, escuta o apelo do ser, toma como responsabilidade sua condição genuína e somente a partir dela promove transformações em sua existência humana (Werle, 2003). O envelhecimento bem-sucedido pode oferecer o contato com a temática da morte sem assombros avassaladores e paralisantes no existir do idoso. Tornando-se um ser que busca a integridade, terá condições de elaborar recursos adaptativos que transformem o seu tempo, que é único, e sua existência. É a partir desse engajamento que saímos do estado cômodo de aceitar toda e qualquer experiência empírica como limitada (Giles, 1989).

O tempo aparece como um marcador ambíguo: de um lado apresenta a finitude e de outro, a infinitude. Lidamos com a dualidade do tempo e a compreensão de que tempo é vida. Ele marca os ciclos, fases e as etapas, modulando o ontem e o amanhã, buscando acompanhar o curso da natureza humana. Tudo coexiste no tempo e no espaço e assim definimos a nossa temporalidade. Agindo, compactamos o passado no presente e nele

projetamos o futuro. Transitamos no mundo e somos participantes dele: “eu sou em um mundo”<sup>3</sup>, divagando dentro da temporalidade, no mundo que se manifesta, no mundo que circunda a existência.

Segundo Loureiro (1998), existe uma dificuldade em determinar os limites dos ciclos que demarcam com exatidão os dois tempos - o vivido e o cronológico, como marco de nossa existência humana. O vivido pela experiência interna e pessoal e o cronológico determinado pelo mundo externo ao indivíduo.

Sêneca, em cartas ao amigo Lucílio entre os anos 63 e 65 d.C, escreveu sobre as contradições da vida humana que se aplicam de maneira extraordinária à vida atual. Apesar de contemplativo e não passivo, ele convida o homem a aproximar-se do seu tempo de duração, logo “não os anos nem os dias, mas o espírito é que nos diz se vivemos o suficiente” (Sêneca, 2008).

Com diferenças conceituais, o envelhecer é o processo, a velhice a marcação de uma fase da vida e o idoso representa o resultado final do ser humano. Mesmo definida como um processo, a velhice perpassa toda a civilização como uma preocupação da humanidade (Papaléo Netto, 2006).

A senescência compreende o processo de envelhecimento, a transição para terceira idade. Farel (2008) a define como um conjunto de modificações orgânicas tidas como naturais e adaptativas, que não causam prejuízo à sua capacidade individual. Portanto, o termo senescência determina o resultado de três aspectos principais: orgânico, funcional e psicológico.

Considerando o envelhecimento, do ponto de vista biológico, como declínio do organismo humano, é fato que desconsideramos o tempo mental que, muitas vezes, não corresponde à idade cronológica. O mundo pós-moderno configurou-se de tal maneira que, segundo Elias (2002), idosos são vistos como representantes vivos da morte. E o mesmo conclui: “Talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério”.

Na atualidade, interditamos a morte, queremos a todo custo pensar cada vez mais na vida e sua atmosfera misteriosa cria uma ideia ilusória sobre o que é morrer. Ao mesmo tempo em que ficamos sensibilizados diante da morte, buscamos construir aparatos para suportar sua presença (Oliveira & Pinto, 2003).

---

<sup>3</sup> Heidegger, 1999.

Do mundo antigo até a Idade Média, a morte aparecia escarnada através das doenças e das guerras que se propagavam. E tal realidade impedia o homem de viver até sua fase adulta. Hoje, devido à evolução científica, a promessa da extensão da vida nos dá uma maior expectativa de alcançar à velhice, postergando a morte.

No presente, excluímos a aproximação da morte, ocultamos sua implacabilidade. Há diversos questionamentos durante a velhice sobre o não morrer e para que mais tempo? Erroneamente, é comum rotularmos o envelhecer como um estado que fenece para a vida. Quando nos deparamos com uma pessoa que já viveu muito, pensamos que sua existência humana justifica sua morte, se comparado ao mais jovem. Assim, surgem frases como: “viveu o bastante” ou “teve o suficiente e agora chegou sua hora”.

Associamos quase sempre a idade cronológica à ideia de tempo de vida e esquecemos que a idade real de uma pessoa é marcada pelo que foi vivido, ou seja, pelo tempo mental. Possuímos um tempo mental e também histórico, vivemos cada momento e fazemos nossos registros individuais. O que seria, intrinsecamente, no pensamento, no imaginário e no universo simbólico do idoso, esse tempo mental e histórico que foi registrado como lembrança.

Há idosos que mesmo em idade avançada acreditam possuir o direito de viver. Afinal, quem saberá o tempo certo de morrer e a compreensão da finitude senão aquele que vive sua antecipação como uma possibilidade? Santo Agostinho (1973), que viveu em 400 d.C., desmistifica claramente a relação entre tempo e idade. A apreensão do vivido é o que legitima o processo de envelhecer:

Porventura cem anos presentes são muito tempo? [...] Se apresentarmos como presente qualquer dos anos intermediários da série centenária, notamos que os que estão antes dele são passados, e os que estão depois são futuros. Pelo que cem anos não podem ser presentes.

O aspecto psicológico do tempo e o modo como o idoso o percebe demonstram sua relação com o vivido. Então, o que seriam cem anos? Noventa e nove anos que fazem parte do passado e do presente apenas o ano que se estaria vivendo. Os planos, nesse período, são feitos com pequenas projeções de futuro; dessa maneira, os anos passados revelam, não só o marcador cronológico, mas a história de vida. É por essa razão que o tempo mental e psicológico não possui o peso dos cem anos. Como podemos dividir em fases-estancos o vivido, que inserido em um tempo, transborda em experiências singulares?

Nosso temporalizar estende-se tanto ao encontro do passado quanto do futuro. A dimensão que damos à velocidade do tempo remete ao que vivenciamos e sua extensibilidade. O tempo objetivo obedece à racionalização, enquanto a temporalidade ultrapassa a situação imediata (Forghieri, 1993).

Desse modo, Koller (2004) defende que a vida humana seja vivida em sua totalidade, mas provida de criatividade genuína. Que se possa trazer à cena o que é possível de existir e não simplesmente o que idealizamos dentro das necessidades individuais. Estabelecido esse encontro consigo, precisamos perceber a transitoriedade da vida, buscar algo que nos leve à transcendência. É necessário acessar um contato interno pleno e desprovido das sensações de corporeidade para compreender a finitude.

O que se espera desse envelhecimento moderno é uma velhice intelectualmente e fisicamente ativa, trazendo a conquista de uma idade avançada amparada pela cientificidade. O que queremos perpetuar em nós deveria ser a experiência de tudo que nos torna verdadeiramente seres vivos. A contrapartida que a tecnologia oferece obscurece nossa compreensão.

Ribeiro (2008) constata como a ciência muitas vezes influencia nossa percepção do mundo e nos distancia da totalidade, do sentido essencial da existência humana:

O que a ciência faz é dividir para poder compreender, na presunção de que é mais exato falar da vida que da morte e explicar o inexplicável tanto da vida quanto da morte, e, ao fazer isso, perde o essencial, a totalidade desta única realidade, vida-morte, da qual nasce o sentido da existência humana. É a totalidade que dá sentido às coisas, é ela que toma conta das partes, que mostra a unicidade e singularidade das coisas, que “essencializa” o sentido do objeto. Dividir é matar o objeto na sua origem, pois vida e morte não são opostas, mas apenas duas energias diferentes, embora a certeza da morte revele a existência da alma e, conseqüentemente, a vida.

Dessa forma, chegamos à constatação, após sermos lançados no mundo, de que não estamos prontos, de acordo com Pisseta (2008). Esse é o desafio de alcançarmos o estado de ataraxia, ou seja, um estado tranquilo, meditativo e contemplativo, gerador de uma compreensão plena do que seja a finitude.

Observando a humanidade, desde os períodos mais remotos, percebemos a influência das religiões permeando a interação do homem com o mundo. Somos impelidos

a vislumbrar uma existência além, dentro de uma ideia de eternidade sem atropelos e dores. Justificamos que tudo será perfeito, aos nossos olhos, mas paradoxalmente temos medo do que consideramos impronunciável, a morte.

Enquanto a religiosidade pressupõe que estamos sendo preparados e amparados para essa travessia. Algo que é incognoscível, porém, se partimos da crença que existe a eternidade, a espiritualidade exerce uma função de tentar minimizar a aflição humana diante da morte, mesmo que muitas vezes sem êxito. Algumas religiões fazem acreditar que precisamos morrer para existir e aí se instala o conceito de eternidade em um mundo de natureza etérea. Mas, para reconhecer a transcendência é necessário simplesmente transcender no cotidiano.

Para melhor compreender a relação humana com a transcendência, Boff (2000) a apresenta como um momento de êxtase, oferecido pelo mundo, de encontro e partilha entre as pessoas. Pequenas experiências, acontecimentos corriqueiros são momentos sublimes em que sentimos a sensação de plenitude e totalidade. Ela não é só ir além para outra vida, é possível vivê-la no presente, no momento imediato, pois somos seres de passagem. E é no momento que as coisas acontecem é que podemos instituir um significado.

Outros autores também discorrem sobre o significado da transcendência. Conforme Stein (1999), “a fenomenologia é precisamente a arte de desvelar aquilo que, no comportamento cotidiano, nós ocultamos a nós mesmos: o exercício da transcendência”. Para Giles (1989), a transcendência não seria abandonar esse mundo, mas “ultrapassar o mundo no mundo. É a viabilidade de encontrar a totalidade, que sentimos perdê-la ao permitir que a morte separe a existência”.

Segundo Boff (2000), é necessário estabelecer um cuidado com essa travessia homem-transcendência e que para tanto, devemos distinguir o homem-corpo do homem-alma-espírito. O homem-corpo se desenvolve, grudando-se à matéria corpórea. Já o homem-alma-espírito se desenvolve inversamente, realiza sua essência primordial rompendo o tempo e espaço.

Para nos conscientizarmos de nossa limitação usamos como referência a condição de ilimitado. E necessitamos romper com o campo limítrofe dessa fronteira e compreender além, o conhecimento de nossa transcendência (Ales Bello, 2006). O homem-corpo é finito e o homem-alma-espírito é aquele que, mesmo sabendo da sua morte, busca um sentido

para compreendê-la. A relação entre os significados que fazemos durante a vida, conseqüentemente dirá sobre nossa morte.

Minayo e Sanches (1993) afirmam que a articulação da teoria e com a realidade empírica é um caminho para construção do conhecimento científico, o método é o fio condutor, o “caminho do próprio pensamento” (Habermas, 1987). Um trabalho de conhecimento social abarca a dimensão simbólica, histórica e a concreta (Ramognimo, 1982). Assim, o objetivo desse estudo é aproximar-se de uma investigação que traga a compreensão de um fenômeno social.

### **Resultados e discussões: a análise dos núcleos de significados**

Todos os participantes foram receptivos à pesquisa, mostrando-se dispostos, com muita vontade de serem ouvidos e sentiram-se valorizados pelo convite.

As palavras disparadoras não tão foram eficazes quanto à busca de unidade de pensamento. O participante com 68 anos, respondeu pela interpretação de significados, já as demais faixas etárias responderam de maneira mais concreta, não conseguindo subjetivar. Dos cinco entrevistados apenas o participante de 73 anos é casado, os demais são viúvos há mais de 30 anos.

A análise dos dados consistiu em apontar os significados que os idosos atribuíram ao pensar e falar da antecipação da morte. A intencionalidade de cada sujeito, como ente, diante de sua existência, mostrando como eles percebem a finitude e o ser-para-morte (Heidegger, 1999). A partir dos relatos dos participantes deste estudo, foram encontradas as seguintes unidades de significados e de análise:

#### **Primeira unidade de significado: Vida inativa é morte consciente**

A força de sentir-se vivo está diretamente relacionada ao estar em movimento e ser produtivo. Os entrevistados valorizam a importância de serem ativos, iluminando o sentido de estarem vivos. Entretanto, os que não tiveram a oportunidade de praticá-la - a atividade, vivem uma morte consciente. Sendo assim enunciada por um dos entrevistados: *“Eu não vivo a minha vida, minha vida foi paralisada no meio. Foi cortada, porque eu não pude estudar, trabalhar e como não podia fazer nada, me casei, tive filhos e o marido não*

*deixou eu [sic] estudar e trabalhar.*”. Aqui é perceptível a angústia gerada pela falta de realizações que acomete o sujeito e que dissolve sua existência na inatividade.

Giles (1989) fala de uma segunda morte, aquela que aparece como uma ‘existência morta’ que corta a vida de maneira dolorosa. O que seria existir com uma morte consciente? Loureiro (2000) esclarece que as ideias de desvalor que o velho aceita vão comprimindo sua existência de tal maneira que passam a agir diminuídos e terminam anulando-se em muitos casos. Para Elias (2002), o isolamento repetitivo daqueles que passam pelo processo de envelhecimento é semelhante ao dos moribundos. A sociedade os coloca em uma posição de mudança social, influenciando a relação pessoal e com o outro.

Os cinco entrevistados trazem o significado de estarem vivos através da realização de alguma atividade produtiva. A questão do gênero aparece como um sinalizador de uma época em que as mulheres culturalmente não trabalhavam e estudavam. Uma das entrevistadas (Idalina) compreende o trabalho como sendo a atividade exercida no lar. Enquanto para outra (Tereza), essa atividade é obrigatória e sem sentido. Ela, apesar de ativa nas tarefas do lar, percebe-se paralisada por não ter estudado e trabalhado. A resignação foi sua alternativa para suportar o que lhe coube:

*“Eu queria viver mais, era ajudar a minha filha, trabalhando e costurando. Sinto falta de não poder mais trabalhar e ficar o tempo toda deitada, parada no tempo. Eu não posso ficar parada. Eu não posso... Eu tenho que mexer em alguma coisa. Eu tenho que tá trabalhando sentada, não posso andar, nem nada, mas eu tenho que fazer qualquer coisa. Eu tenho que fazer. Ah, o trabalho pra mim é ótimo! É tanto que eu invento, eu invento coisas.”* (Idalina, 106 anos).

*“Minha vida foi privilegiada: a maioria das coisas que eu almejava eu consegui com o trabalho. Com o passar do tempo, a vida vai mudando. Na idade adulta você tem que se preocupar em constituir a família e trabalhar e dar o sustento da família. A etapa final é a preparação para a outra vida.”* (Akio, 68 anos).

## Segunda unidade de significado: Jovem não pensa na morte

A juventude, por seu caráter de vitalidade, força e coragem, é uma fase em que os pensamentos considerados assustadores são, em grande parte, trocados pela alegria dos momentos do aqui-agora. O homem alimenta a esperança vã de permanecer jovem e durante esse período de sua vida pensar na morte é algo inconcebível. Insistimos delirantemente em deter o tempo em uma busca inútil, pois em vão alcançamos a realização desse desejo de aprisioná-lo, para que não “escorra no passado em direção ao futuro” (Py & Trein, 2006).

*“Eu pensava que toda vida era... Toda vida era daquele jeito, toda vida seria muito novinha, passeando, brincando, indo à igreja, me confessando, tudinho... Pra mim era uma beleza... Tudo ótimo! Não pensava não... Eu não pensava nada disso, não! Pensava que toda vida era nova, toda vida era novinha... Toda vida... Não pensava não... Pensava que viver era daquele jeito... Era novinha, não ficava velha... Nem nada.” (Idalina, 106 anos).*

*“Eu saia muito, dançava, andava a cavalo. Depois acabou isso tudo... Depois o destino me pregou uma peça: casar! Ter filhos, não poder fazer mais nada. O meu sonho sempre foi ser médica, mas eu não pensava nada sobre a morte, só na vida!” (Tereza, 83 anos).*

*“Aí tem uma diferença muito grande, né? A gente quando é jovem a vida. É a vida, é um mar de alegria e, às vezes, a gente até se esquece de que existe tristeza e morte.” (Agostinho, 73 anos).*

As histórias e experiências vividas por Ilêda trazem uma vivência de perda: a morte foi algo com o qual ela se confrontou em sua juventude. Logo, sua experiência a diferencia dos outros entrevistados nessa fase da vida adulto jovem:

*“Quando eu pensava e sofria muito quando alguém ficava doente grave, por pensar que nunca mais iria ver as pessoas. Essa separação me fazia sentir desamparada.” (Ilêda, 93 anos).*

A pessoa sente-se parte de algo e isso traz um sentido para sua vida e a ideia de transcendência. Akio remete sua vida a períodos de fechamento de ciclos, que vem ao

encontro de um novo estágio que Erikson acrescenta a gerotranscendência, que seria ir ao rumo da maturação e à sabedoria (Erikson, 1997, como citado em Rahhal, 2009):

*“Quando eu era jovem, não tem nada a ver com o que eu vivo agora, o passado foi encerrado. Hoje reinicio em outro nível, pois agora não tenho mais preocupação com a sobrevivência. Meu passado foi um alicerce para essa nova etapa, para essa vida, que seria a preparação para a nova vida.”* (Akio, 68 anos).

### **Terceira unidade de significado: A morte com sofrimento físico e psicológico: A perda de entes queridos e a minha morte**

Ao perceber o outro partindo, nos deparamos com uma clara evidência do confronto com o tempo-limite. Não ser indiferente à morte do outro, sem ao menos nos remeter a nossa própria morte. Inevitavelmente, o medo surge quando se pensa na antecipação da morte. Quando se envelhece sem refletir sobre a finitude, se traça um caminho pobre de significações e que é preenchido, muitas vezes, apenas por sentimento de perda e vazios. Nossa existência sofre, mas a essência não abstrai esse sofrimento. É uma situação-limite, imposta por um acontecimento externo e extremo, em que deixamos fora do alcance o que aparece como inconcebível (Giles, 1989). Para a entrevistada Tereza, essa situação limite aparece em sua fala: *“Eu não sei explicar! A morte é aquilo que eu disse: é uma separação. Separa. Morreu. Você não vai mais ver aquela pessoa, não vai poder falar mais com ela... Eu me conformo por que a pessoa parou de sofrer.”* (Tereza, 83 anos).

Akio diz que não é só a dor psicológica, mas também a dor física e a impotência, como uma dor mental, que paralisam a pessoa nesse confronto: *“A morte é um processo doloroso, advém da doença e traz muito sofrimento. No meu caso a doença é o sofrimento físico, a dor física traz a dor mental, isso é o que eu penso da hora de morrer.”* (Akio, 68 anos).

Podemos perceber que todos os entrevistados veem a aproximação da morte com sofrimento, pois a perda de um ente querido representa uma separação definitiva. As falas de Idalina, Tereza, Agostinho e Ilêda carregam de significado essa perda:

*“O que eu passei de importante em relação à morte... Foi o sofrimento de perder meu pai. Se papai fosse vivo... Naquele tempo... Não era nem a morte do meu marido, era papai que a morte levou. Quando chegar minha hora, sei que não vou sofrer nem uma “dor” como eu vi tantas pessoas morrerem.” (Idalina, 106 anos).*

*“Olha! Honestamente, eu acho que a morte de uma pessoa querida é a pior coisa. É sempre o que falo para minha esposa: eu quero lhe deixar viúva! Não quero, pelo amor de Deus, que Deus me livre dela ir primeiro do que eu! Minha preocupação é essa: perder minha esposa ou meus filhos. É mais dolorido pra mim do que a minha própria morte. Quando eu recebi o diagnóstico da minha doença, eu fiquei assustado.” (Agostinho, 73 anos).*

*“Eu pensava muito na morte de minha mãe quando era jovem, várias vezes eu pensei que ia perdê-la. E isso foi algo que me marcou profundamente: o medo de me separar daqueles que amo. Quando fiquei viúva, intimamente desejei que meu marido morresse para parar de sofrer tanto.” (Ilêda, 93 anos).*

#### **Quarta unidade de significado: Sussurros para falar da morte, significados e medos**

O fator cultural e civilizatório atribuiu à morte significados diversos e permitiu criar sobre ela um universo imaginário e simbólico. Cada pessoa, de maneira bastante particular, interpreta o que seria a morte de seu modo. Como o velamento a transforma em um mistério, as mais diversas opiniões constroem significados insuportáveis de conceber como verdade (Ariès, 2003).

Todos os entrevistados, ao falarem sobre o tema ‘morte’, mudaram seu tom de voz, com uma entonação de preocupação. Quando os entrevistados falam da morte, em alguns momentos, sussurram:

*“Você sabe de uma coisa? Que quando eu morrer, eu tenho certeza, eu não vou sofrer, não vou... O negócio de ficar com aquele pessoal mau, os outros pegando fogo, tudo gritando. As pessoas lá me esperando, os parentes, os anjos e a cadeirinha de Deus.” (Idalina, 106 anos).*

*“Quando a pessoa morre, o espírito sai. Fica só o corpo, mas, a alma ou espírito sobe. Não sei para onde exatamente. Eu nunca li e pensei sobre a morte antes, para entendê-la. Eu pensava na morte, eu não tinha medo de morrer. Eu tinha medo era que jogassem terra no meu rosto... Eu achava que eu iria sentir. Isso não tem lógica.”* (Tereza, 83 anos).

*“É um assunto que só tem na nossa imaginação. É como um sono. O sono é um tipo de morte. Você não tem medo de dormir: a morte é um sono eterno. O nascimento, dizem que é pior que a morte, você está desamparado em um mundo que você não conhece.”* (Akio, 68 anos).

*“Acredito que as pessoas morrem e vão para outro lugar. Não sei exatamente como é, pois ninguém jamais voltou para contar. Eu respeito a morte. Não quero morrer, mas respeito.”* (Ilêda, 93 anos).

Uma explicação coloca para fora todo o medo e sofrimento que atribuímos à permanência no mundo. Se passamos para algum lugar, somos transitórios aqui. O que não alcançamos e desfrutamos, como a felicidade, por exemplo, estará acenando ao nosso encontro no pós-morte. Os senescentes deixam claro que acreditam em um tempo que possa ser denominado como sendo a eternidade.

A imortalidade suscita questionamentos que enumeram possíveis razões para a força dessa ideia. A primeira seria sua improvável sobrevivência, outra seria admitir que ela não tivesse relevância na maneira de viver e agir no mundo. E pensando nesta questão, de caráter transcendental, ao homem restaria apenas o silêncio diante do desconhecido (Araújo, 2007). A religião, diante das incertezas humanas, ampara, mas mesmo assim ainda deixa dúvidas, devido à finitude. A dúvida é o que fragilmente afasta-nos da transcendência. Independentemente da crença, mesmo sendo extremamente devotos, ficamos inseguros com a possibilidade de o espírito também ser finito. O corpo é finito, isso é um fato observável, e o espírito é infinito, como as crenças religiosas nos ensinam.

Buscamos compreender a *transcendência*, cujo prefixo ‘*trans*’, significa ir além, mas ser total, sendo retido pela morte, é incompreensível para o homem. Na concepção jasperiana, é a fé que tem um caráter determinante: “a fé é uma adesão da própria liberdade mais individual à transcendência” (Giles, 1989). Os entrevistados contam com a espiritualidade para alcançar a transcendência metafísica, isto é, uma concepção de um Ser supremo que dará sentido a sua existência, pois aquele que “Nele crê” estará amparado. A

tentativa de, por meio da transcendência, encontrar a integralidade e mesmo sem alcançá-la, eleger um sentido que reúna os fragmentos da vida:

*“Eu não tenho medo de morrer não. Porque eu tenho certeza que eu não vou sofrer... Vou ser muito feliz quando eu chegar lá, ser bem recebida... Viver muito melhor do que aqui.”* (Idalina, 106 anos).

*“Nós estamos aqui de passagem, aqui é pouco tempo. Toda a eternidade nós vamos conviver com Deus. A morte é nosso fim natural, não tem pra onde correr. É por isso que a gente tem que estar preparado. É o que já falei: que nós estamos aqui de passagem, o que conta, e o que nós devemos levar em consideração, é a nossa eternidade.”* (Agostinho, 73 anos).

*“Tudo o que eu fiz na minha vida seja útil para as pessoas e também para mim. A vida é um processo de evolução: atingir o objetivo último que é achar a felicidade eterna, que é duradora. A vida é prazer, mas é passageiro, é efêmero. Tudo o que nasce tem que morrer. Essa é a lei natural de todo ser vivo. Na escala da evolução espiritual o destino é a morte.”* (Akio, 68 anos).

Apenas um dos entrevistados, Tereza, relatou extremo medo da morte. Seu desejo de viver por um período maior é uma clara tentativa de mudar o que ela chama de estado vegetativo e ainda realizar algo que signifique sua existência. Demonstra uma crença de que não pensar e falar da morte a distanciará desse momento final. O fato terrível de que tudo é passageiro e de que toda a estabilidade - de coisas e de “pensamentos”, pode seguir para sua ruína, atinge o ser humano (Pisseta, 2008). O que seria para ela a constatação que o seu tempo de existência é finito gera uma angústia; afinal, o tempo não é reversível:

*“Eu não quero morrer, mas eu sei que vou morrer... Agora não! Quando eu estiver mais velha, quando eu caducar, quando eu começar a não saber mais meu nome. Meu Deus do céu!, eu não quero viver mais nenhum dia... Viver não! Que eu não vivo, eu vegeto!”* (Tereza, 83 anos).

*“Eu acho que tem que morrer porque Deus quer. Todo mundo morre: nasceu, morreu. Não vai ficar pra semente não... Ninguém pode viver pra criar semente não... Nasceu, morreu.”* (Idalina, 106 anos).

*“A religião é o contato que a gente tem com Deus, nosso criador e redentor. É para através dela que a gente se prepara para a vida eterna. Dependendo do nosso procedimento, nosso aqui nesse mundo. Então, a religião tem essa finalidade: nos preparar para nosso encontro definitivo na vida eterna, quando essa vida acabar.”* (Agostinho, 73 anos).

*“A pessoa consegue se desvencilhar de todo o tipo de sofrimento, comparando com o oceano é o local onde as gotas da chuva se juntam. Isso somos nós com o Criador. A vida é energia, somos partículas de energia. A eternidade é onde todas as centelhas se reúnem. A união completa, em unidade, nesse mundo, então somos fragmentados. As impurezas não permitem o oceano da vida, onde todos viveram em espírito.”* (Akio, 68 anos).

O desejo de quem envelhece seria parar o tempo, algo natural para os seres vivos, pois a relação que fazemos com o tempo é que ele representa a vida. Não existe um tempo na morte, mas na vida é feito um esforço para deter o tempo. Parar o tempo seria viver a infinitude. E quando a desesperança consome a vida, a finitude chega a ser desejada.

Conforme postula Erikson (1998), a teoria dos ciclos do desenvolvimento humano é permeada de transformações, entre elas, a fase da integridade *versus* desesperança, apresenta a compreensão de como o idoso se sente frente ao envelhecer e morrer. Se alcançar a significação de sua existência através de suas realizações como pessoa, terá condições de sentir-se pleno diante de tudo que vivenciou ou não. Ao contrário de quando se depara com o tempo vivido e verifica que foi curto, não havendo mais tempo para recomeçar, a sensação de não ter realizado nada de significativo em sua vida, gera angústia.

A entrevistada Idalina, em sua fala, chega a desejar a morte em alguns momentos; seu corpo, biologicamente, não corresponde mais ao seu desejo de continuar. E mesmo com todas as contradições impostas pelo tempo, ela ainda manifesta a vontade de continuar. Todavia, a supremacia do tempo vence o biológico que é finito e irreversível e no físico instaura-se o tempo histórico, a memória (Py & Trein, 2002):

*“Tem ocasião que eu acho que é tempo de morrer. É pecado pedir a morte, mas tem ocasião que eu tenho vontade de pedir a morte... Pra*

*mim... Morrer... Eu sei que é pecado, mas depois passa e eu quero continuar vivendo.” (Idalina, 106 anos).*

O inconformismo com a velhice apresentado pela entrevistada Tereza revela que seus desejos internos não encontraram respaldo na sociedade, nem dolorosamente em sua família. Segundo Loureiro (2000), é comum os velhos assumirem uma posição de acomodação por não encontrarem forças para reagir. A constatação de sua estagnação é dividida com a falta de pessoas que a apoiem. A desesperança é visível em sua fala, pois em sua trajetória de vida não alcançou a satisfação desejada (Erikson, 1998, como citado em Rahhal, 2009):

*“Não é bom não! A velhice traz problemas, às vezes, a pessoa, quando está ficando velha, muita gente não aceita que o idoso se queixe de alguma coisa. É uma coisa errada que eu fiz: eu me acomodei, deixei o tempo passar! Mas, também por falta de ajuda, se tivesse um empurrãozinho de alguém, eu não estaria assim, como eu estou.” (Tereza, 83 anos).*

Na definição de tempo de Agostinho, a temporalidade não surge como a representação do tempo subjetivo - o que as atividades realizadas definem é se o tempo é qualificado como bom ou não:

*“Tempo pra mim é a medida das nossas atividades. Tem que usá-lo bem, ou então acaba por desperdiçar. Quando usa bem, você tira proveito. Quando desperdiça, é... Tá perdido na vida, né? Isso você aprende quando envelhece.” (Agostinho, 73 anos).*

Para Ilêda, o tempo e o envelhecimento não brigaram entre si. Ela aceita o que viveu no passado e busca integralizar suas vivências e dar-lhes um significado. Tanto o presente quanto o futuro, para ela, implicam em usufruir o melhor que a vida possa oferecer:

*“O passar do tempo e envelhecer não assustam mais. Agora quero aproveitar o tempo que tenho com pensamentos e coisas boas como viajar, descansar e simplesmente sair da rotina, que quando mais nova eu era obrigada a cumprir.” (Ilêda, 93 anos).*

Na colocação abaixo, do entrevistado Akio, verifica-se que sua percepção, influenciada por sua experiência religiosa oriental, traz a crença na reencarnação:

*“O tempo é uma ilusão material. O tempo só afeta o corpo físico. A pessoa nasce e, depois, envelhecer é natural. A velhice não é coisa terrível, é o cumprimento de uma missão de estar vivo.”* (Akio, 68 anos).

Os núcleos de sentidos reunidos trouxeram uma cadeia de significação sobre a finitude e a angústia que sentem os senescentes ao falarem da morte. Nessa fase da vida, diante da antecipação da morte como uma possibilidade, ainda a enxergam como um tema carregado de tabus e mitos. Os entrevistados não sabem explicar como será o que eles acreditam existir no além-vida e que, mesmo assim, não querem alcançar. Para a angústia diante da morte, não há respostas, e como eles não sabem qual o sentido de suas vidas e suas mortes, por não possuírem um significado autêntico, sentem-se despreparados diante de sua própria finitude.

### **Considerações Finais**

O propósito na compreensão do fenômeno da finitude foi, sem dúvida, de pensar na antecipação da morte. A ambiguidade ao falar da morte demonstra a importância de repensarmos seu tempo e lugar. Entendemos, neste trabalho, que a senescência é um processo natural e universal e que os entrevistados demonstram que não possuem clareza sobre o pensar na morte, pois suas colocações são idiossincráticas quanto a esse tema.

Os participantes passaram por várias fases de vida, em ser-aí no cotidiano e constituíram suas existências no mundo. Durante a entrevista, trouxeram respostas prontas mesmo quando foram surpreendidos com a pergunta: “O que você pensa sobre a morte?”

Vários relatos apontam para aceitação do que a coletividade conceitua e transmite como verdadeiro sobre a morte. O velamento da morte oculta a verdade; cada idoso, através do imaginário e do simbólico, alimenta esse lugar, ocultando e buscando um refúgio na transcendência metafísica.

Também observamos que os entrevistados não aceitam o processo de envelhecer com tranquilidade. A ideia que Elias (2002) traz de representantes vivos da morte pela

sociedade é sentida pelos senescentes de modo internalizado, o que dificulta a ruptura com paradigmas como esse e a busca por novas maneiras de lidar com o envelhecimento e a finitude.

O possível estado de ataraxia diante da morte, segundo a teoria heideggeriana, só é possível com aceitação da finitude, da ressignificação e integridade da sua existência. Os participantes da pesquisa não vivem esse estado diante da finitude: eles temem pensar e falar sobre o assunto. Há um deslocamento dessa angústia e em sua ausência ocupamos esse lugar com qualquer coisa e deixamos, muitas vezes, de significar nossa existência.

Os relatos apresentam opiniões semelhantes quanto às obrigações de trabalho, família e filhos. O que representa atitudes voltadas para o mundo e nada para si. Isso reforça nossa compreensão de que não tiveram uma existência significativa em relação às questões intrínsecas sobre a finitude.

Mas se a totalidade não é possível através da integralidade, ao menos alcançar a integridade como uma solução é possível. Os participantes, em todas as faixas etárias, não estão tranquilos diante do pensar na morte antecipadamente. Suas angústias são deslocadas para a religiosidade, na procura por aceitação e conforto espiritual. A oportunidade de uma revisão pessoal é postergada para aliviar a angústia gerada; atribui-se à outra existência a possibilidade de tornar-se completo.

Quanto à possibilidade da concretude diante do processo de envelhecimento, Loureiro (2000) afirma que não podemos mais negá-la como um fato real, apesar de a cientificidade postergar o momento da morte, hoje e no futuro. Estabelecem-se então duas opções: envelhecer ou morrer para não envelhecer. A finitude determina o fechamento de uma existência humana, o processo de envelhecimento seria uma preparação para a sua chegada.

A oportunidade de entrevistar uma pessoa que rompeu o século e ouvi-la falar, dizer que parou de esperar pela morte, que já se sente fisicamente cansada, ao contrário de sua mente que deseja continuar a viver, foi um momento diferenciado dessa pesquisa. Esse depoimento corrobora com a teoria que descreve o tempo e o temporalizar dentro do universo do vivido e da subjetivação pessoal. E remete à ideia de um corpo e uma mente, um que deseja partir e o outro que deseja permanecer existindo.

Retomando as ideias de Jaspers e Giles (1989), conclui-se sobre uma das questões principais levantadas neste trabalho:

Crer em meu fim, renunciar a durar sem-fim, só isso é que significa assumir a morte e existir realmente [...]. A deslocação do desespero para a certeza é esboçada desde que faço em mim, face à morte, a divisão entre aquilo que é essencial e aquilo que se revela como fútil.

Nota-se que o universo dos participantes e suas vivências foram voltados para o mundo, através do cumprimento das obrigações impostas socialmente. O que, de certa forma, esvaziou suas oportunidades de qualificar suas experiências pessoais.

Podemos concluir que o desdobramento da temática morte sugere um espaço para muitas reflexões. O significado da espiritualidade, diante da antecipação da morte, paradoxalmente, tanto liberta como aprisiona a percepção humana sobre a morte. Sugerimos o desenvolvimento de um projeto que possa, junto aos idosos, trazer uma reflexão sobre o significado de suas existências e que proporcione uma oportunidade de experienciar a transcendência existencial, ou seja, cotidiana, ao invés de uma única experiência metafísica.

## Referências

- Araújo, P.A. (2007). Morte em ser e tempo de Martin Heidegger. *Revista Ética e Filosofia Política*, 10(2). Rio de Janeiro (RJ): UFJF.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro.
- \_\_\_\_\_. P. (1990). *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves.
- Bello, A.A. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. Ir.Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mauhfoud, Trads. Bauru (SP): Edusc.
- Boff, L. (2009). *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. (1ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Vozes.
- \_\_\_\_\_. L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. (8ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Vozes.
- Creswell, J.W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª ed.). Porto Alegre (RS): Artmed.
- Elias. N. (2002). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Farfel, J.M. (2009). *Fatores relacionados à senescência e à senilidade em indivíduos muito idosos*. Tese de doutorado. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo.

Forghieri, Y.C. (1993). *A psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo (SP): Pioneira.

Franco, C. (2007). A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. *Revista Kairós Gerontologia*, 10. São Paulo (SP): Educ/NEPE/PUC-SP.

Giles, T.R. (1989). *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo (SP): Pedagógica e Universitária Ltda.

Heidegger, M. (1999). *Conferências e escritos filosóficos*. Ernildo Stein, Trad. e Notas. São Paulo (SP): Nova Cultura.

Hohendorff, J.V. & Melo, W.V. (2009). Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudos de Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro (RJ): UERJ.

Houaiss. (2001). *Minidicionário Houaiss. Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva.

Koller, B.C. (2004). *A experiência de envelhecimento na perspectiva da Gestalt terapia*. Santa Catarina: Instituto Gestalten.

Loureiro, A.M.L. (2000). *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Universidade de Brasília.

Minayo, M.C.S. (2008). Técnicas de Análise do Material Qualitativo. In: \_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (11ª ed.). São Paulo (SP): Hucitec.

\_\_\_\_\_ & Sanches, O. (1993, jul/set.). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, 9(3), 239-262. Rio de Janeiro (RJ).

Oliveira, C.B. & Pinto, R.N. (2003). Envelhecimento, exclusão e morte. Resenha do livro *A solidão dos moribundos*, de Norbert Elias. *Revista da Universidade Federal de Goiás*, 5(2). Goiás.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. (1993). *Enfermagem Gerontológica: Conceitos para a Prática*, 31. (Série Paltex). Washington (EUA).

Otoni, M.B.H. (2005). O Paciente terminal adulto e os medos do morrer. *Serviço de Psicologia hospitalar, Santa Casa de São Paulo*, 69, 1-69.

Papaléo Netto, M. (2002). Questões metodológicas da investigação sobre velhice e envelhecimento. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Pieri, P.F. (2002). *Dicionário Jungniano*. Ivo Storniolo, Trad. São Paulo (SP): Paulus-Vozes.

Pisseta, E.E. (2006, jul./dez.). Delimitação da análise existencial da morte. *Educ. e Filos*, 20(x), 81-109. Uberlândia (MG).

\_\_\_\_\_, E.E. (2008). *Sobre a morte e a possibilidade*. Recuperado em 20 novembro, 2012, de: [www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27](http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27).

\_\_\_\_\_. E.E. (2009, jan./jun.). Sobre existência, morte e separação. *Educ. e Filos.*, 23(45), 229-258. Uberlândia (MG).

Py, L. & Trein, F. (2002). Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Ribeiro, J.P. (2008, dez.). Reflexões sobre o lugar de uma Psicologia da Religião. *Rev. abordagem Gestalt*, 14(2). Goiânia (GO).

Santo Agostinho. (1973). *Confissões*. Oliveira Santos, J. e Ambrósio de Pina, A., Trads. (1ª ed.). São Paulo (SP): Abril Cultural.

Sartre, J.P. (1987). Existencialismo é um humanismo. *Os Pensadores*. (3ª ed.). São Paulo (SP): Nova Cultural.

Sêneca, L.A. (2008). *Aprendendo a viver*. Lúcia Sá Rebello, Trad. Porto Alegre (RS): L&PM.

Stein, E. (2000). Nota do tradutor. In: \_\_\_\_\_ . *Heidegger M. Os pensadores*. São Paulo (SP): Nova Cultura.

Werle, M.A. (2003). A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, 26(1), São Paulo (SP).

Recebido em 03/08/2012

Aceito em 29/08/2012

---

**Alba Sandra Alencar da Silva** - Psicóloga Clínica e Especialista em terapia familiar.  
Mestranda em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília (DF).  
Voluntária Fórum-Cema (grupos de violência familiar).  
E-mail: albasandra@gmail.com